

Perfil dos Profissionais de Enfermagem que Sofrem Acidentes que Trabalho: Revisão Integrativa

Aline Gondim de Freitas, Emiliani Virginia Vale Rodrigues, Ulhiana de Lima Batista,
Bruno Miranda da Rocha

RESUMO

A equipe de enfermagem constitui o grupo de profissionais mais vulneráveis e com maior probabilidade de envolvimento em acidentes de trabalho, devido as particularidades da profissão, caracterizada por atividades de cuidados diretos e ininterruptos aos pacientes, expondo-se continuamente a riscos de ordem física, química, biológica, ergo-nômica e emocional. Os riscos ocupacionais trazidos pela NR9 são inerentes ao cuidado de enfermagem, pois os acidentes de trabalho não devem ser considerados eventos coti-dianos da prática do profissional de enfermagem, assim faz-se necessário a realização de estudos que visem subsidiar medidas preventivas baseadas no conhecimento epidemiológico desse agravo. Este estudo tem como objetivo traçar o perfil dos profissionais da equipe de enfermagens que sofrem acidentes de trabalho. Trata-se de uma revisão integrativa, tendo como questão norteadora: “qual o perfil dos profissionais de enfermagem que mais sofrem acidentes de trabalho?”. As bases de dados utilizadas foram a SCIELO e a LILACS. Encontramos o seguinte perfil de profissionais de enfermagem que mais que sofrem acidentes de trabalho: técnicos de enfermagem, sexo feminino, jovens (20 – 35 anos), com tempo de atuação de até cinco anos, contratados em instituições privadas/conveniadas. As principais causas para a ocorrência dos acidentes foram o descuido, pressa, despreparo, pouco conhecimento dos riscos, excesso de confiança, a sobrecarga de trabalho, descarte inadequado de material perfurocortante e não utilização dos Equipamentos de Proteção Individuais (EPIs). Foi evidenciado a necessidade de orientação e sensibilização dos profissionais de enfermagem quanto a prevenção, gravidade e as consequências dos acidentes de trabalho.

Descritores: Acidente de Trabalho; Equipe de Enfermagem; Riscos ocupacionais.

ABSTRACT

The nursing team is the group of professionals most vulnerable and more likely to be involved in work-related accidents, due to the peculiarities of the profession, characterized by activities of direct and uninterrupted care to patients, continually exposing themselves to physical, chemical, biological, ergonomic and emotional risks. The occupational hazards brought by NR9 are inherent in nursing care, as work accidents should not be considered everyday events of nursing professional practice. Thus, it is necessary to carry out studies aimed at supporting preventive measures based on the epidemiological knowledge of this aggravation. This study aims to trace the profile of nursing team professionals who suffer accidents at work. This is an integrative review, with the guiding question: “what is the profile of nursing professionals who suffer the most from work-related accidents?”. The databases used were SCIELO and LILACS. We find the following profile of nursing professionals who suffer more accidents at work: nursing technicians, female, young (20 - 35 years), with operating time of up to five years, contracted in private / contracted institutions. The main causes for the occurrence of accidents were carelessness, haste, lack of preparation, poor knowledge of the risks, over-confidence, work overload, improper disposal of sharps and non-use of Personal Protective Equipment (PPE). It was evidenced the necessity of orientation and sensitization of the nursing professionals regarding the prevention, severity and consequences of the work accidents.

Key words: Work accident; Nursing team; Occupational risks.

Como citar este artigo:

Vidigal, GCB; Silva KK; Lemes, SR; Santos, MEM. Gravidez na adolescência: perfil dos casos ocorridos no estado de Goiás de 2005 à 2015. Revista Saúde (Sta. Maria). 2019; 45(1).

Autor correspondente:

Nome: Ulhiana de Lima Batista
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0001-8260-2010>
Formação Profissional: Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Estadual de Roraima (UERR), Boa Vista, RR, Brasil.
E-mail: ulhianabatista@gmail.com

Link pra Currículo

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1981263217356336>

Data de Submissão:

04/10/2018

Data de aceite:

01/04/2019

Conflito de Interesse: Não há conflito de interesse



INTRODUÇÃO

O ato de trabalhar é considerado uma atividade social, que promove a integração, sociabilidade, respeito e reconhecimento ao indivíduo perante a sociedade, podendo despertar os sentimentos de prazer e satisfação. Dependendo do ambiente, das condições de desenvolvimento e a organização do trabalho, podem ser geradas inúmeras situações de sofrimento físico, emocional, riscos de acidentes e doenças ocupacionais aos trabalhadores¹.

O acidente de trabalho, segundo a Lei 8.213, de julho de 1991, é definido como aquele em que o indivíduo sofre lesões físicas ou perturbações funcionais no exercício de suas atividades laborais². Configura-se como um relevante problema de saúde pública, sendo um dos maiores agravos seja de ordem física ou emocional à saúde dos trabalhadores, estando entre as principais causas de adoecimento e afastamento do ambiente laboral, acarretando prejuízos econômicos, psicossociais, redução da capacidade de trabalho temporária ou permanente, incapacidades e prejuízos nas relações familiares e trabalhistas, podendo ainda resultar em morte^{3,4}.

Os estabelecimentos de saúde estão entre os setores que mais oferecem riscos à saúde do trabalhador, expondo os profissionais continuamente a situações adversas, sendo a equipe de enfermagem o grupo de profissionais mais vulnerável e com maiores riscos de envolvimento em acidentes de trabalho, devido as peculiaridades das atividades de cuidados diretos e ininterruptos aos pacientes, executarem o cuidado direto por meio do contato físico, a realização rotineiramente procedimentos invasivos, as maiores jornadas de trabalho, esforço físico elevado, equipamentos de difícil manejo, falta de materiais, entre outros^{5,4}.

Dentre as 36 Normas Regulamentadoras (NRs), estabelecidas pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) com a finalidade de fornecerem informações sobre procedimentos obrigatórios para a segurança do trabalhador, a NR 09 estabelece a obrigação de identificar e avaliar os riscos ambientais existentes, ou que venham a existir no ambiente de trabalho, que possam prejudicar a integridade da saúde dos servidores como os riscos ocupacionais, que dependendo da sua natureza, intensidade e tempo de exposição, são capazes de causar danos à saúde do trabalhador^{6,7}.

Considerando os riscos ocupacionais inerentes ao cuidado de enfermagem, o elevado risco de acidentes de trabalho envolvendo material biológico, sendo muitas vezes considerados eventos cotidianos da prática profissional e a importância da realização de estudos que permitem o conhecimento epidemiológico desse agravo e subsidio para implementação de medidas preventivas, este estudo tem como objetivo traçar um perfil dos profissionais da equipe de enfermagem que sofrem acidentes de trabalho, por meio de uma revisão integrativa.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura que consiste em um método de pesquisa utilizado com frequência na prática baseada em evidência, cujo objetivo é reunir e sintetizar resultados anteriores, a fim de elaborar uma explicação abrangente de um fenômeno específico. Assim, as conclusões são estabelecidas mediante a avaliação crítica de diferentes abordagens metodológicas⁸.

Foram seguidas as seis etapas de uma revisão integrativa da literatura: a identificação do tema ou questionamento da revisão integrativa; amostragem ou busca de literatura; categorização dos estudos; avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; discussão dos resultados e a última fase consistem em apresentação da revisão/síntese do conhecimento⁸.

Utilizamos a seguinte questão norteadora: qual o perfil dos profissionais de enfermagem que sofrem acidentes de trabalho?

O levantamento dos artigos foi realizado na base de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO) e da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), durante mês de agosto de 2018, sendo utilizados os seguintes Descritores de Ciências da Saúde: “Acidente de Trabalho” e “Equipe de Enfermagem” e “Enfermagem”.

Os critérios de inclusão utilizados na pesquisa foram: artigos publicados entre os anos de 2014 a 2018, que estivessem em português, texto completo, publicados no Brasil. Considerou-se como critério de exclusão os artigos que não respondiam à questão norteadora da pesquisa e não abordavam a temática envolvida no objetivo deste estudo.

Foi encontrado um total de 490 artigos, sendo que destes, 120 foram com as palavras chave “Acidente de trabalho” e “Equipe de Enfermagem” e 370 com “Acidente de trabalho e Enfermagem”. Destes, foram selecionados 51 artigos que atenderam aos critérios de inclusão. A partir da leitura de todos os títulos, resumos e os critérios de exclusão foram selecionados 22 artigos. Para análise dos dados os estudos selecionados foram sintetizados em 2 quadros, com os dados: título, autor, ano, base de dados (Quadro 1); método e principais resultados (Quadro 2), com a finalidade de comparar os achados de cada autor.

Para favorecer a validação da seleção das publicações para análise, na quarta fase da pesquisa os artigos foram avaliados por dois revisores da equipe composta por quatro pesquisadores, mediante seleção independente considerando os critérios de inclusão e exclusão, e norteados pela pergunta de pesquisa.

A pesquisa levou em consideração os aspectos éticos da pesquisa, respeitando a autoria das ideias, os conceitos e as definições presentes nos artigos incluídos na revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca possibilitou a análise de 22 artigos (Tabela 1) conforme os critérios de inclusão e exclusão, descritos anteriormente, sendo 14 encontrados na base LILACS, 6 na SciELO e 2 artigos nas duas bases de dados, sendo o ano de 2015 o que mais teve publicações (7), seguindo de 2017 (6). Os estudos selecionados estão descritos no Quadro 1 com título, autores, ano de publicação e base de dados.

Quadro 1: Estudos selecionados para avaliar o perfil dos profissionais de enfermagem que sofrem acidentes

Título	Autor	Ano	Base de dados
Acidente de trabalho e autoestima de profissionais de enfermagem em ambientes hospitalares	Santos et al.	2017	SCIELO
Acidentes perfurocortantes e medidas preventivas para hepatite B adotadas por profissionais de Enfermagem nos serviços de urgência e emergência de Teresina, Piauí	Araújo e Costa.	2014	SCIELO
Ocorrência de acidentes de trabalho com material biológico potencialmente contaminado em enfermeiros	Valim et al.	2014	SCIELO
Acidente com material biológico: uma abordagem a partir da análise das atividades de trabalho	Donatelli et al.	2015	SCIELO
Condutas após exposição ocupacional a material Biológico em um hospital especializado em oncologia	Luize et al	2015	SCIELO/ LILACS
Efeitos do trabalho na saúde de enfermeiros que atuam em clínica cirúrgica de hospitais universitários	Silva et al.	2016	SCIELO
Seguimento clínico de profissionais e estudantes da área da saúde expostos a material biológico potencialmente contaminado	Almeida et al.	2015	SCIELO
Cronótipo e acidente de trabalho na equipe de Enfermagem de uma clínica cirúrgica	Silva et al.	2015	SCIELO/ LILACS
Acidente ocupacional entre profissionais de enfermagem atuantes em setores críticos de um pronto-socorro	Rodrigues et al.	2017	LILACS
Manuseio e descarte de perfurocortantes por profissionais de enfermagem de unidade de terapia intensiva	Lapa et al.	2017	LILACS
Motivações para mudança nas ações dos profissionais de enfermagem após exposição acidental a material biológico	Pereira et al.	2018	LILACS
Acidentes de trabalho e suas repercussões na saúde dos profissionais de enfermagem	Rezende et al.	2015	LILACS

Acidentes de trabalho e suas repercussões na saúde dos profissionais de enfermagem	Rezende et al.	2015	LILACS
Análise de 10 anos de acidentes com material biológico entre a equipe de enfermagem	Barros et al.	2016	LILACS
Acidentes ocupacionais com profissionais de enfermagem de um serviço de atenção domiciliar do interior paulista	Cordeiro et al.	2016	LILACS
Acidentes ocupacionais com a equipe de enfermagem da atenção Hospitalar	Garbaccio et al.	2015	LILACS

Quadro 2 – Método e principais resultados dos estudos selecionados quanto aos acidentes de trabalho na equipe de enfermagem.

Autor Ano	Método	Principais Resultados
Santos et al., 2017	Estudo descritivo-analítico e transversal	15% dos entrevistados sofreram acidente de trabalho.
Araújo e Costa, 2014	Estudo transversal analítico	47,9% dos profissionais de enfermagem entrevistados sofreram acidente perfurocortante.
Valim et al., 2014	Estudo transversal	53,8% dos enfermeiros foram vítimas de ocorrência de acidente do trabalho com exposição a material biológico potencialmente contaminado.
Donatelli et al., 2015	Estudo qualitativo	Os auxiliares de enfermagem (AE) e técnicos de enfermagem (TE) são as categorias mais atingidas por acidentes com risco de contaminação por material biológico.
Luize et al, 2015	Estudo de corte transversal	Dos sujeitos entrevistados, 18,6% referiram ter sofrido exposição nos últimos doze meses. 57,3% profissionais notificaram o acidente oficialmente e procuraram atendimento clínico especializado. 75% sofreram exposição cutânea.
Silva et al., 2016	Estudo quantitativo, transversal	50,8% dos enfermeiros já havia se envolvido em acidentes de trabalho.
Almeida et al., 2015	Estudo de corte transversal, de caráter retrospectivo,	Grande parte das exposições ocupacionais acometeram os profissionais da enfermagem (47,3%). 31,7% eram auxiliares de enfermagem.

Silva et al., 2015	Estudo quantitativo, transversal,	Dentre os que se envolveram com acidente de trabalho 63,3% estavam alocados no turno da noite. Dentre os Profissionais que se acidentaram 50,0% eram técnicos de enfermagem. 56,7% dos trabalhadores com concordância já havia sofrido acidente de trabalho.
Rodrigues et al., 2017	Pesquisa descritiva, transversal	A prevalência geral de acidentes foi de 26,7% dos profissionais de enfermagem entrevistados. Destes, 72,2% envolviam material perfurocortante e, em 84,2% deles, o sangue foi o principal agente biológico envolvido. Registrou-se alta taxa de profissionais acidentados, com maior prevalência entre aqueles de nível técnico.
Pereira et al., 2018	Estudo descritivo, com abordagem qualitativa,	A vivência do acidente de trabalho mostrou-se determinante para modificação de práticas profissionais, motivados por medos relacionados ao risco de infecção pós-exposição; entendimento do risco; orientações recebidas pós-acidente; conhecimento quanto ao diagnóstico do paciente.
Rezende et al., 2015	Estudo transversal	Verificou-se que 53% dos participantes já sofreram algum tipo de acidente de trabalho.
Barros et al., 2016	Epidemiológico, retrospectivo e analítico	Os técnicos de enfermagem foram os que mais sofreram acidente (77,0%). 9,1% dos casos havia o registro de preenchimento da Comunicação de Acidente de Trabalho. A prevalência dos acidentes envolvendo materiais perfurocortantes foi de 89,5%.
Cordeiro et al., 2016	Transversal	42,8%, dos profissionais de enfermagem, relataram ter sofrido acidente com material biológico.
Garbaccio et al., 2015	Transversal	59,6% dos profissionais relataram terem sido acometidos por algum tipo de acidente de trabalho, dos quais 90% de natureza biológica, 34% não notificaram o acidente de trabalho.
Arantes et al., 2017	Estudo retrospectivo, quantitativo	Dentre os acidentes de trabalho com material biológico, 58,1% dos profissionais de saúde eram de nível técnico, dos quais 82,7% eram do sexo feminino.

Ferreira et al., 2015	Pesquisa de corte transversal	A taxa de subnotificação de acidentes foi 36,6%. Os técnicos de enfermagem (50,0%) foram os profissionais com maior número de subnotificação de acidente com material biológico ocorrido nos últimos 12 meses que antecederam a entrevista.
Mendonça et al., 2014	Pesquisa exploratória	Nenhum acidente foi comunicado ou notificado ao responsável pela unidade e nem ao serviço, oficialmente, encarregado por esse registro. Não houve uso dos equipamentos de proteção em todos os casos.
Januário et al., 2017	Estudo transversal, retrospectivo, descritivo, com abordagem quantitativa.	Dos profissionais de enfermagem que passaram por exposição a material biológico potencialmente contaminado (MBPC), a maioria eram técnicos de enfermagem (52,5%), do sexo feminino (91,8%), com média de idade de 31,4 anos.
Carvalho et al., 2018	Estudo descritivo, transversal, de abordagem quantitativa	Um total de 46,6% dos profissionais relatou já ter sofrido exposição a MBPC, e 60,9% referiram não ter realizado a notificação e 42,6% afirmaram terem participado de treinamentos sobre a temática.
Barbosa et al., 2017	Descritivo, de corte transversal	55,2% dos profissionais de enfermagem sofreram acidente com material biológico.

CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS E PROFISSIONAIS

A categoria técnico de enfermagem representa o maior número de casos de Acidentes de Trabalho (AT), seguidos dos auxiliares de enfermagem, e por último os enfermeiros, devido à maior carga de atividades prestadas junto ao paciente, falta ou pouco interesse em treinamentos, capacitações e atualizações, baixa adesão a precauções padrão, desconhecimento dos riscos, inadequação do ambiente físico, escassez de materiais em quantidade e qualidade, além de número de trabalhadores insuficientes, gerando sobrecarga excessiva aos existentes^{9, 10, 11}.

Vale ressaltar ainda que os técnicos de enfermagem representam uma maior proporção de profissionais que compõem as equipes de enfermagem, correspondendo a cerca de 80%, outro fator que pode influenciar e justificar a elevada taxa de acidentes com esse profissional^{12, 13}.

Estudos^{14, 15, 16} mencionam o enfermeiro como o profissional mais acometido pelos acidentes de trabalho, com o

maior registro de 53,8%, 62,5%, e 49%, respectivamente, uma vez que em alguns setores as atividades requeridas para a assistência são de competência exclusiva do mesmo, como nas unidades de terapia intensiva (UTI), sendo de sua inteira responsabilidade o desempenho da maioria dos procedimentos, principalmente os invasivos.

Em relação as características demográficas, observou-se a predominância do sexo feminino, o que reflete a trajetória e as próprias características históricas da enfermagem e do papel exercido pela mulher na sociedade como cuidadora^{9, 17}. Segundo dados do Conselho Federal de Enfermagem, a enfermagem atualmente, é exercida por um quantitativo de 88,26% de mulheres, as quais apresentam quase duas vezes mais chance de sofrerem acidentes percutâneos quando comparados aos homens^{18, 12,13}.

Em relação a faixa etária, houve uma predominância dos profissionais muitos jovens (20 – 35 anos), com tempo de atuação profissional de até cinco anos, contratados e em instituições privadas/conveniadas.

A maior incidência em profissionais jovem com menos experiência de profissão pode ser justificada pelo fato de que trabalhadores acima de 40 anos executam mais tarefas administrativas e menos ações relacionais a coleta de sangue ou outras situações associadas a risco mais elevado para exposições ocupacionais, assim como a falta de destreza, a realização de numerosos procedimentos que levam a manipulação de objetos perfurocortantes, o ritmo intenso de trabalho, o manuseio inadequado e o tempo de serviço na instituição^{19,13,11}.

O profissional recém-admitido mesmo que tenha experiência profissional, preocupa-se com vários aspectos no desempenho de suas funções, sendo assim o receio e a ansiedade do seu desempenho individual, podem contribuir para a ocorrência de AT¹⁶.

Em estudo realizado²⁰ com profissionais de instituições públicas, observou-se uma predominância de AT entre aqueles com mais de 20 anos de profissão, devido aos vários fatores complexos e de que maneira esses profissionais estão inseridos, as condições de vida e da minguada relação profissional-paciente-equipe.

Em relação ao turno de trabalho, o diurno apresentou a predominância de acidentes (76,5%), possivelmente por concentrar maior volume de procedimentos e cuidados diretos aos pacientes comparado com o período noturno¹⁹.

Nos estudos ^{21,9} os profissionais que trabalham no período noturno têm uma maior ocorrência de acidentes laborais, devido a responsabilidade e as vastas jornadas de trabalho.

O turno de trabalho tem influência na ocorrência de incidentes, estabelecendo uma necessidade de avaliação do turno com o cronótipo de cada profissional, tendo como finalidade prevenir agravos e riscos ocupacionais⁹.

CAUSAS DOS ACIDENTES E MEDIDAS PROFILÁTICAS

As principais causas atribuídas a ocorrência de acidentes de trabalho pelos profissionais foram falta de atenção, descuido, pressa, despreparo, pouco conhecimento do profissional sobre medidas de reconhecimento e prevenção dos riscos, excesso de confiança devido ao tempo de prática, sobrecarga de trabalho, as condições e agitação do paciente, descarte inadequado de material perfurocortante, a inadequação dos materiais, dos equipamentos e da infraestrutura^{21,11}.

O domínio correto da técnica nos procedimentos são cruciais na ocorrência e/ou prevenção dos acidentes, uma vez que minimiza os erros, assim como pode fornecer ao profissional uma sensação de segurança¹¹. O excesso de confiança e tempo de prática podem justificar a negligência na adoção das medidas de precaução padrão, como não utilizar o dedo para amparar a agulha, não reencapar a agulha, entortar ou retirar com as mãos as agulhas utilizadas e desprezar todo o material perfurocortante em recipiente apropriado¹¹.

Os acidentes durante o manuseio de perfurocortantes ocorrem por fatores como a não utilização dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) ou por outras razões, como a fadiga física¹⁰. Estudo²² reforça a importância do uso dos EPIs na prevenção dos AT com Material Biológico, os quais devem ser utilizados de acordo com os tipos de atividade a serem desenvolvidas.

Os profissionais reconhecem o uso dos EPIs como a medida mais importante de prevenção de AT, no entanto essa percepção não pareceu influenciar diretamente em seu uso, uma vez que apenas 16,6% dos profissionais acidentados utilizavam algum EPI, destes, 33,3% utilizavam apenas luvas, e 22,2% utilizavam somente o jaleco no momento do acidente¹¹.

A luva é citada como o EPI mais utilizado, sendo uma barreira mecânica que diminui o risco de contato com fluidos orgânicos, potenciais vinculadores de patógenos, no entanto não impedem a perfuração através de instrumento perfurocortantes, e o menos utilizado por todas as categorias foram os óculos de proteção^{20,12}.

A negligência no uso dos EPIs pelos trabalhadores acidentados foi identificada também nos estudos^{20,23,10,12,15,16} como a principal causa, incluindo as dificuldades para manusear materiais e realizar procedimentos usando alguns tipos de EPIs, a falta de tempo de fazer o uso em situações de emergência, desconforto, inconveniência, descuido, desinteresse, esquecimento, ausência desses equipamentos em quantidade e qualidade adequada, principalmente gorro e óculos, a descrença em relação ao seu uso, hipersensibilidade ao látex, temperatura elevada nas enfermarias e no posto de enfermagem servindo de justificativa para o não uso de máscaras e jalecos. Dessa forma, foi evidenciado

uma subvalorização dessas barreiras por parte dos trabalhadores e ainda dos gerentes.

A instituição é obrigada a fornecer aos empregados, gratuitamente, os EPIs necessários e adequados ao risco para o desenvolvimento do trabalho, em perfeito estado de conservação, funcionamento e em quantidade que supra a necessidade, cabendo ao trabalhador o uso adequado e conservação dos mesmos, sendo a negligência no seu uso de responsabilidades institucionais e individuais¹⁶. Nesse tocante, é apontada a necessidade de avaliação da distribuição, adesão dos profissionais e a supervisão do uso dos EPIs pela instituição¹⁵.

A adoção de medidas básicas, como manter o esquema vacinal contra hepatite B atualizado, manipulação e descarte adequado de materiais perfuro-cortantes são fundamentais para minimizar a exposição do profissional a esses instrumentos¹⁰.

Em estudo¹² evidenciou-se grande número de trabalhadores (90,1%) que declaram estar com esquema vacinal completo, no entanto o resultado ainda está abaixo do percentual de 95% de vacinação preconizado pelo Ministério da Saúde. Outro estudo²⁰ observou que a maior parte dos trabalhadores de enfermagem tinham o esquema vacinal completo, onde outra parte não completou o esquema devido a vacina ser oferecida somente para o Centro de Referência de Imunobiológicos Especiais (CRIE).

Aqueles profissionais que passaram por algum evento marcante na carreira, como por exemplo a perda/morte de ente querido, ou o nascimento de filho/neto/parente e o diagnóstico de doença em ente querido, tem uma porcentagem significativa para episódio de acidentes de trabalho, devido ao desgaste emocional e desequilíbrio mental, citando ainda situações podem agravar a saúde do trabalhador e gerar acidentes laborais, como supervisão rigorosa, ritmos acelerados, monotonia, repetitividade das tarefas, dificuldades de comunicação, agressões psíquicas, tensão e insatisfação²¹.

As trocas de plantões também podem influenciar na ocorrência dos AT, uma vez que o atraso na chegada dos profissionais dificulta a passagem de informações relevantes. Tal situação revela a fragilidade do sistema de gestão de segurança no local de atuação, implicando no fato de que qualquer pequena modificação na ocorrência do trabalho habitual, possa provocar alteração nas rotinas, que definiria o desfecho de um acidente²⁴.

REALIZAÇÃO DE TREINAMENTOS E CAPACITAÇÃO

Na maioria dos estudos, os profissionais afirmaram participar de treinamentos sobre Precaução Padrão, prevenção de exposição ocupacional e acidentes com material biológico^{25,15,26}. Essa variável deve ser analisada de forma

criterosa, uma vez que o conhecimento e treinamento informativo, não são suficientes para garantir que os profissionais adotem comportamentos seguros no ambiente de trabalho, sugerindo que sejam realizadas discussões coletivas que contribuam para a identificação das dificuldades de cada profissional na mudança de comportamento, sua percepção em relação aos riscos e benefícios de adotar as medidas mais seguras^{15,26}.

O processo educativo deve contribuir para o surgimento de novas potencialidades individuais e mudança de comportamento, unindo o conhecimento científico com a prática laboral, permitindo a se apropriação do conteúdo importante e relevante, com o intuito de estimular a autopromoção da saúde¹⁶.

Identifica-se que, a partir da vivência do acidente de trabalho, os profissionais envolvidos passaram a ter um estímulo para mudança das práticas durante a prestação dos cuidados, decorrentes das orientações recebidas ou adquiridas após a ocorrência do acidente e o sentimento vivenciado, sendo identificado um interesse, por parte do próprio profissional, em adquirir maiores conhecimentos sobre os reais riscos a que estão expostos²⁷.

SUBNOTIFICAÇÃO DOS REGISTROS DOS ACIDENTES DE TRABALHO.

Apesar da inclusão do AT com exposição a material biológico, pela Portaria N° 104, na Lista de Notificação Compulsória no Brasil, que obriga legalmente o registro eletrônico no Sistema de Informação de Agravos de Notificação dos acidentes de trabalho, estudos apontam a não notificação dos AT como uma prática habitual entre os trabalhadores de enfermagem, principalmente os técnicos e auxiliares de enfermagem^{23,19,28,26,17}.

Em estudo²⁵ 50% dos profissionais realizaram o procedimento de notificação corretamente, sendo aqueles que não notificavam os acidentes em sua maioria técnicos de enfermagem, do sexo feminino, na faixa etária entre 19 a 29 anos.

A subnotificação ocorre, em parte, devido ao sistema de informação usado e à concepção fragmentada das relações saúde e trabalho²⁶. A desinformação ou desinteresse dos profissionais em relação aos aspectos epidemiológicos envolvidos nessas situações são da como possíveis causas²³.

Houve predominância nos estudos de profissionais que não consideraram necessária a comunicação por julgarem que o acidente era de baixo risco, por não ter sido percutâneo, “o paciente-fonte era criança”, “o paciente-fonte era idoso” e “o paciente-fonte não tinha risco de doenças infectocontagiosas ou HIV negativo”^{28,26}.

Também foram citados o desconhecimento de como realizar a notificação, sobre os procedimentos pós-

acidente ocupacional com material biológico, falta de tempo, excesso de burocracia, o receio de notificar, temor de julgamento e represálias de seus pares e gestores, esquecimento ou estresse ocasionado pelo incidente, crença de que a notificação não traz nenhum benefício, à demora no procedimento de notificação e demora nos retornos das unidades responsáveis^{14,20, 28,26}.

As causas apontadas para a subnotificação são preocupantes, uma vez que evidenciam desinformação e a falta de sensibilização do profissional em relação aos riscos, aspectos epidemiológicos e jurídicos¹⁹. Muitos profissionais de saúde são incapazes de avaliar a importância da notificação do AT e ignoram as medidas preconizadas, o que os deixa mais suscetíveis à contaminação pelo risco biológico¹⁷.

Vale destacar que nem sempre essa adesão insuficiente à notificação refere-se à falta de conhecimento acerca dos perigos, mas sim à falta de incorporação deste conhecimento à prática e a subestimação da responsabilidade individual na resolução ou minimização do problema, como foi observado no estudo¹⁰ que todos os profissionais entrevistados relataram estar cientes dos riscos e das consequências envolvidas no AT, porém a maioria não sabia como proceder, revelando um descuido após a exposição ocupacional.

A medida correta adotada pelos profissionais de enfermagem após a ocorrência do acidente ocupacional com material biológico, é procurar atendimento especializado no SCIH (Serviço de Controle de Infecção Hospitalar) e acionarem o CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho)²⁵.

A conduta de não emissão da Comunicação do Acidente de Trabalho (CAT) e do preenchimento correto do SINAN-NET logo após a ocorrência do AT produz informações não verídicas e incompatíveis com a realidade nos relatórios oficiais¹⁷.

A notificação AT tem grande importância para o profissional acidentado e para a instituição, uma vez que permite o conhecimento de suas causas e consequências, essencial para o planejamento de estratégias preventivas, determinar o risco de infecção do paciente-fonte e do profissional e para a adoção de medidas pós-exposição para a prevenção da transmissão de hepatite B e HIV, além de assegurar ao trabalhador o direito de receber avaliação médica especializada, tratamento adequado e benefícios trabalhistas^{19, 26}.

Um estudo²⁹ aponta que um em cada cinco dos trabalhadores da equipe de enfermagem que sofreram exposição ocupacional com material biológico apresentou sintomatologia para Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), aqueles cujo acidente aconteceu há mais de seis meses obtiveram valores significativamente superior na escala se comparados com aqueles que sofreram exposição há menos de três meses.

Considerando as categorias analisadas, foi identificado que o profissional de enfermagem mais acometido por

acidentes de trabalho é o técnico de enfermagem, pertencente ao sexo feminino, jovens (20 – 35 anos), com tempo de atuação de até cinco anos, contratados em instituições privadas/conveniadas.

Apesar dos profissionais de enfermagem estarem frequentemente expostos a diversos riscos inerentes à execução de suas atividades, aparentemente, grande parte destes riscos passam despercebidos pelos profissionais, podendo ser observado ainda o excesso de autoconfiança adquirida com os anos de experiência profissional e a negligência quanto a medidas de precaução padrão.

Os artigos examinados revelam uma necessidade de ações de educação permanente voltada à temática do reconhecimento, prevenção de riscos ocupacionais e a notificação dos AT para os profissionais de enfermagem, que permitam a incorporação do conhecimento científico a sua prática laboral, uma vez que às circunstâncias dos acidentes, poderiam ter sido evitados pela adoção de medidas de precaução padrão que garantem a redução desse agravo em todos os momentos assistenciais, independente do diagnóstico presumível ou conhecido do paciente.

Porém, é fato que a gravidade e as consequências dos acidentes, assim como as possibilidades de intervenção, somente poderão ser avaliadas com a realização da notificação do AT. A subnotificação ainda permanece como um desafio à segurança dos trabalhadores, pois dificulta o conhecimento da realidade dos AT, sendo diferentes motivos alegados pela equipe de enfermagem como justificativa para a não realizar desse procedimento, merecendo destaque a subestimação do risco, considerar o procedimento desnecessário, a falta de conhecimento sobre a conduta adequada frente à notificação e o sobre os protocolos relacionados à exposição a material biológico, evidenciando a necessidade de sensibilização destes profissionais.

Salienta-se ainda o grande valor do papel do gestor na promoção da saúde dos trabalhadores, por meio da adoção de políticas de prevenção e proteção, aquisição de recursos materiais suficientes e adequados.

Este estudo teve como limitação a não classificação dos perfis profissionais envolvidos em AT por regiões. Visto que cada região tem suas particularidades estabelecidas capazes de interferir no perfil do profissional que se envolve em AT.

Constaram-se lacunas no conhecimento sobre os acidentes de trabalho nos estudos avaliados, pois estabelecem seu foco na análise, classificação ou consequências dos acidentes de trabalho, e não no perfil do profissional que estava envolvido. Assim, foi impossibilitado perscrutar a peculiaridade do retrato desses profissionais.

Sugere-se a realização de mais estudos que permitam aprofundar e demonstrar a realidade vivenciada na prática dos profissionais de enfermagem quanto aos AT, garantindo o reconhecimento dos riscos ambientais, abordando principalmente a conduta profissional quanto a prevenção, atitudes e decisões frente aos riscos já conhecidos,

negligência, formação e as condições de trabalho que favorecem a ocorrência a ocorrência dos AT.

REFERÊNCIAS

1. Ferraz L, Kessler M, Krauzer IM, Trindade LL, Silva OM. Estratégia saúde da família: riscos ocupacionais dos auxiliares e técnicos de enfermagem. São Paulo: Revista Recien. 2015; 5(13):20-28.
2. Brasil. Lei n. 8.213, de 24 de julho de 1991. Lei de Benefícios da Previdência Social; Lei de Cotas para Pessoas com Deficiência. Diário Oficial da União 25 de julho de 1991. Seção 1- Página 14809.
3. Marziale MHP, Santos HEC, Cenzi CM, Rocha FLR, Trovó MEM. Consequências da exposição ocupacional a material biológico entre trabalhadores de um hospital universitário. Esc. Anna Nery rev. enferm., Rio de Janeiro, jan./mar, 2014. v. 18, n. 1, p. 11-16.
4. Arantes MC, Haddad MCFL, Marcon SS, Rossaneis MA, Pissinati PSC, Oliveira SA. Acidentes de trabalho com material biológico em trabalhadores de serviços de saúde. Cogitare Enferm. 2017 Jan/mar; 22(1): 01-08.
5. Giancotti GM, Haeffner R, Solheid NLS, Miranda FMD, Sarquis LMM. Caracterização das vítimas e dos acidentes de trabalho com material biológico atendidas em um hospital público do Paraná, 2012. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, abr-jun 2014, 23(2):337-346.
6. Ministério da Saúde (Brasil). Portaria n. 3.214, de 08 de junho de 1978. Aprova as Normas Regulamentadoras - NR - do Capítulo V, Título II, da Consolidação das Leis do Trabalho, relativas à Segurança e Medicina do Trabalho. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 06 jul. 1978.
7. Ministério do Trabalho e Emprego (Brasil). Secretaria de Segurança e Saúde no Trabalho. Portaria 25 de 29 de dezembro de 1994. Aprovar o texto da Norma Regulamentadora n.º 9 - Programa de Prevenção de Riscos Ambientais. Diário Oficial da União 30 de dezembro de 1994; Seção 1.
8. Soares CB, Hoga LAK, Peduzzi M, Sangaleti C, Yonekura T, Silva DRAD. Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. Rev Esc Enferm USP. 2014, 48(2):335-45.
9. Silva RM, Zeitoun RCG, Beck CLC, Souza SBC, Santos E. Cronótipo e acidentes de trabalho na equipe de enfermagem de uma clínica cirúrgica. Texto & Contexto Enfermagem [Internet]. 2015; 24(1):245-252. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072015000100245&lng=en&tlng=en Acesso em: 16/08/2018.
10. Rezende LCM, Leite KNS, Santos SR, Monteiro LC, Costa MBS, Santos FX. Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, out./dez. 2015, v. 29, n. 4, p. 307-317.
11. Rodrigues PS, Sousa AFL, Magro MCS, Andrade D, Hermann PRS. Acidente ocupacional entre profissionais de enfermagem atuantes em setores críticos de um pronto-socorro. Esc. Anna Nery [Internet]. 2017; 21(2): e20170040. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452017000200212&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso: 16/08/2018.

-
12. Barros DX, Tipple AFV, Lima LKOL, Souza ACS, Neves ZCP, Salgado TA. Análise de 10 anos de acidentes com material biológico entre a equipe de enfermagem. Rev. Eletr.Enf. [Internet]. 2016; 18:e1157. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/35493> Acesso: 16/08/2018.
 13. Januário GC, Carvalho PCF, Lemos GC, Gir E, Toffano SEM. Acidentes ocupacionais com material potencialmente contaminado envolvendo trabalhadores de enfermagem. Cogitare Enferm. Jan/mar, 2017; 22(1): 01-09.
 14. Valim M D, Marziale M H P, Hayashida M, Richart-Martinez M. Ocorrência de acidentes de trabalho com material biológico potencialmente contaminado em enfermeiros. Acta paul. enferm. [Internet]. June, 2014; 27(3): 280-286. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002014000300280&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso: 16/08/2018.
 15. Cordeiro JFC, Alves AP, Chayamiti EMPC, Miranda DO, Gir E, Canini SRMS. Acidentes ocupacionais com profissionais de enfermagem de um serviço de atenção domiciliar do interior paulista. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2016. 18:e1175. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/37613>. Acesso: 16/08/2018.
 16. Lapa AT, Dias PDG, Spindola T, Silva JM, Santos, PR, Costa LP. Manuseio e descarte de perfurocortantes por profissionais de enfermagem de unidade de terapia intensiva. Rev. pesqui. cuid. fundam. (Online); abr.-jun, 2017. 9(2): 387-392.
 17. Carvalho DC, Rocha JC, Gimenes MCA, Santos EC, Valim MD. Acidentes de Trabalho na Equipe de Enfermagem. Escola Anna Nery; 2018; 22(1).
 18. Amaury Machi Junior¹, et al. Desfechos de acidentes de trabalho com exposição a agente biológico. Journal of Human Growth and Development 2014; 24(3): 249-254.
 19. Garbaccio JL, Regis WCB, Silva RMC, Estevão WG. Acidentes ocupacionais com a equipe de enfermagem da atenção hospitalar Cogitare Enferm. 2015 Jan/Mar; 20(1):146-52.
 20. Araújo TME, Silva NC. Acidentes perfurocortantes e medidas preventivas para hepatite B adotadas por profissionais de Enfermagem nos serviços de urgência e emergência de Teresina, Piauí. Rev. bras. saúde ocup. [Internet]. Dec, 2014; 39(130): 175-183. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572014000200175. Acesso: 16/08/2018.
 21. Santos SVM, Macedo FRM, Silva LA, Resck ZMR, Nogueira DA, Terra FS. Acidente de trabalho e autoestima de profissionais de enfermagem em ambientes hospitalares. Rev. Latino-Am. Enfermagem [Internet]. 2017; 25: e2872. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692017000100328&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso: 16/08/2018.
 22. Arantes MC, Haddad MCFL, Marcon SS, Rossaneis MA, Pissinati PSC, Oliveira SA. Cogitare Enferm. Jan/mar, 2017; 22(1): 01-08.
 23. Martins MK, Ferreira VTA, Custódia SSA, Severino PMRC. Acidentes com material biológico em serviços de urgência e emergência. Cienc. enferm. [Internet]. Aug, 2014; 20(2): 65-71. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0717-95532014000200007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso: 16/08/2018.

24. Donatelli S, Vilela RAG, Almeida IM, Lopes MGR. Acidente com material biológico: uma abordagem a partir da análise das atividades de trabalho. *Saúde Soc.* [Internet]. Dec, 2015; 24(4): 1257-1272. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/sausoc/2015.v24n4/1257-1272/pt>. Acesso: 16/08/2018.
25. Luize PB, Canini SRMS, Gir E, Toffano SEM. Conduitas após exposição ocupacional a material biológico em um hospital especializado em oncologia. *Texto contexto - enferm.* [Internet]. 2015 Mar; 24(1): 170-177. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072015000100170&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso: 16/08/2018.
26. Barbosa ASAA, Diogo GA, Salotti SRA, Silva SMUR. Subnotificação de acidente ocupacional com materiais biológicos entre profissionais de Enfermagem em um hospital público. *Rev Bras Med Trab.* 2017; 15(1):12-17.
27. Pereira ÉAA, Velasco AR, Hanzelmann RS, Gimenez S, Silva JF, Passos JP. Motivações para mudança nas ações dos profissionais de enfermagem após exposição acidental a material biológico. *Res.: fundam. care. online* 2018. abr./jun. 10(2): 534-541.
28. Dias FM, Pimenta FR, Tayar FL, Gir E, Marin SCSR. Subnotificação de acidentes biológicos pela enfermagem de um hospital universitário. *Cienc. enferm.* [Internet]. 2015 Ago; 21(2): 21-29. Disponível em: https://scielo.conicyt.cl/pdf/cienf/v21n2/art_03.pdf Acesso: 16/08/2018.
29. Januário C, Carvalho GCF, Moraes PT, Santos JÁ, Gir M, Toffano EMSE. Sintomas de transtorno de estresse pós-traumático após exposição a material biológico. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem* [Internet]. 2017;21(4):1-7. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ean/v21n4/pt_1414-8145-ean-2177-9465-EAN-2017-0129.pdf Acesso: 16/08/2018.